



## O PAPEL DA IMAGINAÇÃO NA PREVISÃO DE CENÁRIOS: UMA ANÁLISE DO FILME NINETEEN EIGHTY-FOUR (1984)

Cássio Viana<sup>1</sup>  
Alisson Alves<sup>2</sup>  
Edvaldo Santos<sup>3</sup>  
Jorge Goés Junior<sup>4</sup>

**RESUMO:** Segundo alguns geógrafos culturais, a imaginação desempenha papel fundamental na produção e interpretação do espaço geográfico. Em função disso, o presente estudo buscou analisar o cenário distópico proposto pelo filme *Nineteen Eighty-Four* (1984) e a partir desse propor uma forma de se trabalhar a previsão de cenários futuros em turmas do ensino médio de Geografia. Para isso, seguiram-se as seguintes etapas: (a) pesquisa bibliográfica; (b) análise do cenário proposto pelo filme 1984; (c) proposta de como se trabalhar a imaginação. Por fim, o estudo concluiu que a imaginação tem a capacidade de metamorfosear a realidade e propor novos caminhos para a sociedade e, a partir disso, apresentou uma atividade baseada em narrativas a ser aplicada em sala de aula.

**Palavras-chaves:** Geografia Cultural; 1984; imaginação.

---

<sup>1</sup> Estudante da Lic. em Geografia do IFBA, E-mail: cassioviana1992@gmail.com

<sup>2</sup> Estudante da Lic. em Geografia do IFBA, E-mail: alisson\_alves95@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante da Lic. em Geografia do IFBA, E-mail: edvaldosantos923@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante da Lic. em Geografia do IFBA, E-mail: jjr.goes@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Serpa (2008), a construção de cenários futuros é uma questão deixada de lado pelos geógrafos. Atualmente, essa tem ficado sob a responsabilidade, principalmente, dos órgãos responsáveis por planejar o espaço urbano, quase sempre de forma quantitativa através de técnicas de geoprocessamento, Sistema de Informações Geográficas etc. Porém, a ideia não é negar estas técnicas, e sim refletir sobre o futuro da sociedade também de forma qualitativa, dessa maneira, deixando de lado o pensamento somente orientado para a quantificação e mensuração.

Através de Serpa (2008) entendemos que a imaginação é conteúdo de análise da ciência geográfica, pois fornece subsídios para a produção e interpretação do espaço geográfico. Segundo Cosgrove (2000), a imaginação tem a capacidade de metamorfosear uma determinada comunidade humana e o ambiente natural. Esse processo não é meramente reprodutivo (a partir de dados extraídos do mundo exterior, embora dependa deste) e nem tampouco é somente produtivo (nega as experiências vividas no mundo exterior). Para Ricoeur (1979 apud Cosgrove, 2000), a imaginação captura dados sensoriais do mundo exterior, porém não os reproduz de forma mimética, e sim os metamorfoseia por meio da sua capacidade metafórica de gerar novos significados.

Dessa forma, as utopias, que são frutos da imaginação humana, interessam a esta ciência, mesmo que elas não tenham vindo a se concretizar (COSGROVE, 2000). Lefebvre (1991) complementa, informando que é preciso imaginar o futuro da sociedade urbana em direção a utopias possíveis. Contudo, é importante nos atentarmos que nem todas as ideias imaginativas preveem o bem estar da sociedade, como é o caso da obra *Nineteen Eighty-Four* (1984) de George Orwell. A essas obras, damos o nome de distopias.

Tomando como recurso analítico a paisagem, que pode ser analisada por fontes diversas, como livros e filmes (CORRÊA; ROSENDAHL, 2014), o presente estudo buscou analisar o cenário futurístico proposto pelo filme 1984 (*Nineteen Eighty-Four*, 1984) dirigido por Michael Radford e a partir desse, sugerir um caminho para se trabalhar a previsão de cenários futuros em turmas do ensino médio de Geografia.

O desenvolvimento deste trabalho seguiu as seguintes etapas, a saber: (a) pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de paisagem cultural, imaginário poético e imaginário social; (b) análise do cenário distópico proposto pelo filme *1984*; (c) sugerir uma maneira de se trabalhar a previsão de cenário em turmas do ensino médio de Geografia. Por fim, o presente

trabalho se justificou por buscar explorar uma lacuna ainda presente na ciência geográfica, a previsão de cenários futuros, conforme apontou Serpa (2008).

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Antes de iniciar a avaliação do filme, faz-se necessário refletir sobre os principais conceitos que nortearam a realização desse trabalho: o imaginário poético, o imaginário social e a paisagem cultural. Vale salientar que os dois primeiros conceitos mencionados também são de caráter geográfico e estão presentes na composição de qualquer cultura e se manifestam de maneira diferente, a depender do tempo e do espaço.

A imaginação poética tem o papel de produzir cultura e diferenciá-la, pois possui a capacidade de metamorfosear e gerar novos significados de forma mítica ao misturar símbolos cósmicos, os quais podem ser refletidos através da atribuição de sentidos ao mundo natural, e oníricos, presentes nos sonhos (COSGROVE, 2000). Nessa perspectiva, ainda de acordo com Cosgrove (2000), na análise cultural, a imaginação poética é a que mais desperta o interesse dos geógrafos. Porém, apesar destas duas categorias responsáveis por compor a imaginação poética parecerem intrínsecas a cada indivíduo, é importante enfatizar que aos geógrafos culturais interessa o imaginário social de um determinado conjunto de pessoas.

De acordo com Ricoeur (1979 apud Kerney, 1991), o presente é composto pela síntese de dois aspectos inerentes à imaginação: o futuro, visto como utopia, e o passado, que corresponde à função ideológica. Além disso, segundo Ricoeur (1979 apud Cosgrove, 2000, p.50), “a ideologia e a utopia são elementos necessários e complementares do imaginário social de qualquer cultura”.

Segundo Cosgrove (2000), a utopia tem caráter transgressor, ou seja, busca romper com os valores culturais vigentes. Devido a isso, as ideias utópicas propõem futuros possíveis que podem vir a ser concretizados, postos em prática, ou sequer saírem do papel. Porém, esse mesmo autor ressalta que interessam para os geógrafos culturais até mesmo as paisagens utópicas que não se concretizaram. Acerca do conceito de distopia, o qual não é citada por Cosgrove (2000), Figueiredo (2011, p.118) o descreve como “o contrário da utopia, o pesadelo, a desarmonia, a desconstrução da vida em sociedade conforme a concebemos”.

Já a ideologia passa a ideia de fixação ao consistir no agrupamento de mitos, símbolos e valores construídos historicamente, os quais são responsáveis por estruturarem a

cultura de uma determinada sociedade. Nesse contexto, a ideologia e utopia aparentam estar sempre em conflito com a mudança e a manutenção da ordem social vigente.

Para Cosgrove (2000), sem o poder conservador da ideologia, as ideias utópicas tem o potencial de provocar mudanças radicais que podem apagar culturas e suas paisagens completamente. Além disso, ainda segundo Cosgrove, culturas muito ligadas às suas funções ideológicas podem se tornar repressoras, como os casos de fanatismo religioso. Assim, o ideal é que a ideologia e a utopia atuem uma moderando a outra.

É importante compreender que todas as questões aqui mencionadas contribuem para a construção das paisagens, essas que são entendidas como culturais, uma vez que, segundo Cosgrove (2000), todos os seres humanos são providos de cultura. Nesse ínterim, Claval (2000) complementa informando que todos os acontecimentos são de cunho cultural. Dessa maneira, segundo Corrêa e Rosendhal (2014, p.16), o estudo da paisagem, no contexto da Geografia Cultural, pode ser conduzido através de diferentes fontes, inclusive “de textos diversos, como aqueles dos romances, poemas, letras de músicas, pinturas e outras representações.”

### **3 NINETEEN EIGHTY-FOUR (1984) A DISTOPIA DE GEORGE ORWELL**

Nascido na Índia em 1903, onde seu pai trabalhava como agente do Império Britânico, supervisionando a qualidade do ópio produzido (PYNCHON, 2009), George Orwell (pseudônimo de Eric Arthur Blair) estudou em centros educacionais tradicionais da Inglaterra. Foi um militante de esquerda e autor de diversos livros e ensaios, além de jornalista e crítico literário, incluindo alguns bem famosos, como: *A Revolução dos Bichos* e *1984*. Orwell morreu na Inglaterra de tuberculose em 1950, meses depois de seu último romance, *1984*, ter sido publicado.

Apesar de a apresentação do autor da obra em análise ser uma mera formalidade, no caso desse estudo isso diz muita coisa. Assim, fica a questão: Orwell teria escrito *1984* se tivesse nascido no século XXI? Sem a pretensão de nos alongarmos muito, teceremos algumas informações sobre os ideais do autor e, sobretudo, acerca do contexto histórico em que ele viveu, e assim compreenderemos o que o conduziu até o desfecho final de sua obra mais ambiciosa.

Duas questões sobre as ideias que permeavam o autor precisam ser ditas, conforme Pynchon (2009): Orwell se considera um socialista dissidente, ou seja, que perdeu todas as

esperanças na ascensão do partido trabalhista inglês, o qual, segundo ele, antes mesmo do início da Segunda Guerra Mundial, já apresentava um posicionamento que flertava com o fascismo; e da esquerda mundial, devido às práticas lamentáveis, genocidas e alianças empenhadas pelo regime stalinista.

As inquietações de Orwell já demonstram, parcialmente, o contexto histórico conturbado da sua época. Fromm (1961) realiza uma cronologia dos eventos que provavelmente contribuíram para a sua visão pessimista em relação ao futuro da sociedade: preocupações com o final da Primeira Guerra Mundial; o enfraquecimento das esperanças socialistas com a implantação do capitalismo estatal de Stalin; a crise econômica de 1920; a vitória do partido nazista em um dos centros culturais mais antigos do mundo, a Alemanha; as atrocidades cometidas por Stalin na década de 1930; a Segunda Guerra Mundial e a destruição de cidades e populações civis.

É importante salientar que esses acontecimentos não só contribuíram para estimular a visão pessimista do escritor George Orwell, como também de seu grupo social e de outros que viveram entre 1900 e 1950. De acordo com Fromm (1961), tais acontecimentos contribuíram para a perda da visão utópica, a qual considerava que o futuro do homem seria permeado por paz e glória. Logo, é em meio a este crescimento de ideias pessimistas no imaginário social da população europeia a respeito do futuro da sociedade que Orwell nos apresenta o futuro distópico presente em *1984*.

A distopia descrita em *1984* representa, através da imaginação poética, o pensamento pessimista sobre o futuro contido no imaginário social da população de sua época. O filme produzido e dirigido por Michael Radford na década de 80 consegue capturar com maior fidelidade as nuances presentes na obra de Orwell e por isso foi escolhido como objeto de análise. A obra relata que após o lançamento da primeira bomba atômica em 1940, os líderes de todas as nações envolvidas perceberam que se continuassem com a guerra poderia ser o fim da humanidade, porém continuaram a produzir bombas para lançarem em um outro momento. Winston Smith, protagonista da obra, vive no bloco da Oceania, um dos três grandes blocos políticos em que o mundo foi dividido.

A Oceania é dominada por um partido socialista, que a conduz de forma totalitária através do seu grande líder, a figura mítica do Grande Irmão, o qual deve ser amado por todos os habitantes. A sociedade é completamente vigiada e qualquer forma de transgressão da ordem social vigente é passível de punição, sendo o ato de escrever uma dessas transgressões. Winston Smith trabalha no Ministério da Verdade, seu trabalho

consiste em criar mentiras e veiculá-las no jornal oficial do partido. A tarefa consiste em pegar uma notícia antiga e reeditá-la, um exemplo dessa situação é que o inimigo da Oceania está sempre mudando e a população deve acreditar nisso. O interesse do partido com isso, além de apagar a história e as bases ideológicas do passado, é fazer a população acreditar em duas ideias ao mesmo tempo, mesmo que elas sejam contraditórias, isso recebe o nome de “duplipensamento”.

No decorrer da história, Winston conhece Julia, os dois se apaixonam e vivem um amor proibido, pois o relacionamento era proibido entre os membros do partido. Adiante, o casal entra em contato com O'Brien, um agente secreto do governo, que os convence a participar da resistência aos ideais propagados pelo Grande Irmão. No entanto, após aceitarem, O'Brien, que na verdade era um agente secreto do governo disfarçado, prende os dois e os torturam até eles voltarem a acreditar no partido.

O filme chega ao fim com um Winston Smith reabilitado para o convívio em sociedade, ou seja, seguindo os ideais propostos pelo partido. Segundo Fromm (1961), *1984* é mais que uma crítica aos regimes totalitários surgidos no período vivido por George Orwell, pois ela tem a capacidade de chamar a atenção para o que a sociedade poderia se tornar se persistisse com os mesmos ideais. Além disso, *1984* nos fornece subsídios para entender o funcionamento do imaginário social da população da época e evidenciar o caráter repressor presente nas ideias distópicas.

Entretanto, não somente o imaginário distópico deve ser avaliado aqui, pois, segundo Cosgrove (2000), as ideias utópicas, sem o caráter repressor da ideologia, são capazes de apagar/modificar culturas e paisagens inteiras. Esse mesmo autor exemplifica casos históricos em que a ideologia não foi considerada e os resultados foram catastróficos, como:

A falha em reconhecer e, mais ainda, em respeitar a ideologia americana nativa fez com que as visões utópicas da jovem república americana se engajassem na sua destruição sistemática; as utopias promovidas por Stalin e Pol Pot, no século XX, tiveram consequências igualmente dramáticas para as culturas consideradas obstáculos às suas respectivas visões futurísticas (COSGROVE, 2000, p.50).

Entretanto, o conservadorismo da ideologia pode ser bastante repressor, como nos casos de fanatismo religioso, quando não regulado pelo caráter transgressor da utopia. Ademais, o significado ideológico de sangue e solo segue forte nos casos de nacionalismos conservadores e ficaram evidentes nos conflitos culturais e étnicos provocados após a

derrocada da utopia comunista, que dominou parte da Ásia central e da Europa oriental (COSGROVE, 2000).

Assim, George Orwell nos apresenta a paisagem da cidade de Londres, no ano de 1984, completamente metamorfoseada pela sua imaginação. Para Orwell, está se encontraria completamente destruída pela guerra, insalubre, vigiada, controlada por um governo totalitário e marcada pela constante exploração da mão-de-obra dos seus habitantes.

#### **4 TRABALHANDO O POTENCIAL IMAGINATIVO DOS ESTUDANTES ATRAVÉS DE FILMES**

Com o advento da globalização, as informações chegam com mais velocidade nos diferentes continentes e a maioria das pessoas podem visualizá-las através de celulares e computadores ligados à internet. Ademais, viagens que levavam meses para se concretizarem e apresentavam riscos incriveis, hoje ocorrem com riscos bem baixos e duram apenas algumas horas. Logo, é a partir dessa realidade que as novas gerações têm pensado o futuro; entretanto, é válido mencionar que os avanços tecnológicos não estão disponíveis para todos.

Nessa perspectiva, propomos uma maneira do professor de Geografia estimular a imaginação dos estudantes em sala de aula através de filmes. O primeiro passo é exibir filmes ou trechos que apresentem ideais utópicas/distópicas, como *1984*. Caso o professor opte pela exposição de *1984* é importante atentar-se para o conteúdo sensível (cenas de nudez e violência) presente no filme, o qual pode não estar de acordo com a idade dos estudantes.

Segunda parte cabe ao docente identificar qual conteúdo irá dialogar com a obra apresentada. No caso de *1984*, após analisar as quatro unidades em que o conteúdo do terceiro ano do ensino médio do livro de Joia e Goettems (2013) é dividido, sugere-se que este seja dialogado com as seguintes unidades: Globalização e Espaço Geográfico, sobretudo na parte em que trata sobre grandes guerras, inclusive a Guerra Fria; e Conflitos Contemporâneos e Espaço Geográfico Mundial.

Apesar do filme se relacionar bem com as duas unidades, apresentaremos a atividade somente para a segunda unidade, Conflitos Contemporâneos e Espaço Geográfico Mundial, sobretudo em seu início quando se discute Nacionalismos e Separatismos, em razão da obra de Orwell ser uma crítica declarada a regimes totalitários.

Isso posto, no terceiro passo é muito importante expor aos alunos que a obra é uma distopia, ou seja, uma visão pessimista do futuro e apresentar o contexto histórico em que foi

escrita, além de demonstrar como os regimes totalitários se aproveitam de bases ideológicas das culturas para se estabelecerem. Sobre esse último ponto, é interessante focar em um regime totalitário atual. Ademais, cabe ao professor também, caso queira, trazer mais elementos para contextualizar a formação socioespacial da obra e exemplificar como ocorre a ação dos regimes totalitários escolhidos para análise, através de matérias de jornais, gráficos etc.

Após isso, o preceptor solicita que os estudantes escrevam uma utopia ou distopia imaginando o regime totalitário apresentado em sala de aula nós próximos 20 anos. Essa atividade pode ser realizada em casa e entregue na aula seguinte. Nesse momento é muito importante deixar claro que através da imaginação poética dos alunos uma apreensão da cultura do país estudado será formada. Segundo Cosgrove (2000), a geração de sentidos presentes na imaginação poética contribuiu durante muitos anos para visões como: “o oriente misterioso”; “polos congelados”; “ilhas paradisíacas do sul” e a inacessibilidade das “Cataratas do Niágara”.

Depois de analisar os escritos, o professor retira os nomes dos alunos e os separa entre distopia e utopia, dividindo assim a turma em dois grupos. Por fim, solicita a estes grupos a construção de um mural para fixação na sala de aula com os principais pontos escolhidos pelos alunos dos textos utópicos e distópicos.

Com essa atividade programada para durar cinco aulas (três para a exposição do filme e correlação dessa com o conteúdo e duas para a elaboração do mural em sala) o professor será capaz de compreender o imaginário social da sua turma, no que tange às ideias a respeito do futuro, estimular a previsão de cenários nos alunos e demonstrar a estes como a imaginação tem o poder de romper com a ordem social vigente.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo buscou demonstrar os principais conceitos envolvidos no processo imaginativo, os quais estão entrelaçados na produção de cenários futuros na abordagem proposta pela Geografia Cultural: imaginário poético; imaginário social; e paisagem cultural. À luz destes conceitos analisou-se o cenário distópico presente na obra *1984* do escritor inglês George Orwell e adaptada para o cinema pelo diretor Michael Radford. Além disso, coube ao texto propor uma atividade capaz de explorar o potencial imaginativo dos estudantes do terceiro ano do ensino médio.



Baseando-se neste conceitos presentes na Geografia Cultural analisou-se o cenário distópico presente na obra *1984*, que demonstra a cidade de Londres completamente metamorfoseada pela imaginação do autor. Em relação à atividade, sua aplicação é capaz de demonstrar aos alunos que as paisagens começam a ser modificadas/transformadas através do processo imaginativo, com a previsão de novos cenários, sejam esses positivos ou negativos, e que o mundo está aberto para diversas representações, inclusive a presente no imaginário social de alunos do ensino médio.

Por fim, o estudo deixa aberto duas propostas de trabalhos a serem realizadas no âmbito da Geografia Cultural: a comparação de outras obras literárias do mesmo período histórico visando compreender as ideias que perpassavam o imaginário social de quando foi escrito *1984*; a inclusão de diferentes obras na análise, como literárias, cinematográficas, pinturas e etc. No campo do ensino de Geografia, propõe-se para trabalhos futuros os resultados obtidos com a aplicação da atividade esboçada aqui, seja com a obra apresentada, ou outra, juntamente com ideias para seu aperfeiçoamento.

## REFERÊNCIAS

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUSC, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 6. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014. p. 9-18.

COSGROVE, Denis. Mundos de Significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: um século (2)**. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. p. 32-60.

FIGUEIREDO, C. D. A cidade distópica como construção utópica. **Revista Eco-Pós** (Online), v. 4, p. 116-129, 2011.

FROMM, Erich. Posfácios: Erich Fromm (1961). In: ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 365-379. Tradução de: Fernando Veríssimo.

**Nineteen Eighty-Four**. Direção de Michael Radford. Produção de Simon Perry. Intérpretes: John Hurt, Richard Burton, Suzanna Hamilton, Cyril Cusack, Gregor Fisher, James Walker, Andrew Wilde, Rupert Baderman, John Boswall, Phyllis Logan, Roger Lloyd-pack, Shirley Stelfox. Roteiro: Michael Radford e Jonathan Gens. Londres: Virgin Films, 1984. 1 DVD (103 min.), DVD, color. Legendado.

JOIA, Antonio Luís; GOETTEMS, Arno Aloísio. **Geografia: leituras e interação**. 1. ed. v. 3.

São Paulo: Leya, 2013. 288 p.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1991. 167 p.

ORWELL, George. **1984**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 414 p.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 147 p.

PYNCHON, Thomas. Posfácios: Thomas Pynchon (2009). In: ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 395-414. Tradução de: Fernando Veríssimo.

SERPA, Angelo. Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico. In: SERPA, Angelo (Org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 59-67.